



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
MONOGRAFIA EM LITERATURA

Da dor ao prazer: o percurso de Lóri em *“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”*, de Clarice Lispector

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana de Fátima Barbosa Araújo

Michelle Maciel Falcão

2019

Michelle Maciel Falcão

Da dor ao prazer: o percurso de Lóri em “*Uma Aprendizagem ou o livro dos prazeres*”, de Clarice Lispector

Monografia em Literatura apresentada ao curso de Letras Português
da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada.

Orientadora: Prof.a Dr.a Adriana de Fátima Barbosa Araújo

Brasília 2019

Brasília 2019

“[...] Lori: uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente [...]”

Clarice Lispector. *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*

“Ocorreu-me de repente que não é preciso ter ordem para viver. Não há padrão a seguir e nem há o próprio padrão: nasço. ”

Clarice Lispector. *Água Viva*

“Clarice veio de um mistério, partiu para outro. Ficamos sem saber a essência do mistério. Ou o mistério não era essencial, era Clarice viajando nele” Carlos Drummond de Andrade

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, Francisca, a pessoa mais especial da minha vida e a que me deu o presente mais importante de todos: a existência. Sem ela, eu não seria a pessoa que sou hoje, sem ela, eu não teria conseguido realizar os meus sonhos, sem ela, eu não existiria. Foi principalmente a minha mãe que, mesmo com muitas dificuldades, sempre fez todos os esforços para que eu tivesse acesso à educação. Portanto, o apoio dela foi essencial para eu conseguir realizar o meu sonho de me formar em Letras Português, na Universidade de Brasília.

Agradeço à minha família, que sempre esteve comigo, nos momentos difíceis e alegres, que me viu crescer, que me ajudou quando eu ainda era pequena demais para cuidar de mim. Agradeço, portanto, por todo o apoio e amor que me deu.

Agradeço ao meu namorado, Guilherme, que participou de boa parte da minha jornada acadêmica, me apoiando em todas as minhas dificuldades e nos momentos de ansiedade. Por todo o cuidado, paciência e amor que me dá e por ser o melhor companheiro que eu poderia ter na vida.

Agradeço aos meus amigos e a todas as pessoas que contribuíram de forma significativa para o meu desenvolvimento pessoal e acadêmico. Por todo o apoio, nos momentos de dificuldade, e por toda a celebração, nos momentos de alegria.

Agradeço à minha orientadora, Adriana, por todas as importantes e críticas aulas de Literatura Brasileira, por ter me apresentado a obras literárias singulares e muito importantes da Literatura e por ter me ajudado a ser a profissional e professora que eu sou hoje.

Agradeço, por fim, à minha inspiração no universo das letras e da Literatura e à minha escritora favorita, Clarice Lispector. A obra de Clarice é a que mais me emociona, por isso sou muito grata por ela ser uma das maiores experiências emocionais da minha vida.

Sumário

1. Introdução.....	6
2. O mistério Clarice Lispector.....	8
3. Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres: considerações sobre o romance.....	11
4. A dor de Lóri.....	14
5. A relação do “eu” com o “outro” no processo de aprendizagem.....	17
6. A aprendizagem de Lóri.....	22
7. Considerações finais.....	27
8. Referências bibliográficas.....	28

1. Introdução

Esta monografia tem o objetivo de analisar o percurso que a personagem Loreley faz da dor ao prazer, isto é, a transformação que ocorre em sua vida para que ela possa aprender a viver de uma forma mais alegre e menos sofrida. Loreley é a personagem principal da obra *“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”*, publicada em 1969, por Clarice Lispector.

Neste trabalho, defendemos a tese de que Loreley, cujo apelido é Lóri, só consegue parar de compreender sua vida apenas como sofrimento e conhecer outra realidade, na qual a felicidade, a alegria e o prazer são possíveis, quando ela conhece e recebe a ajuda de outro ser humano, Ulisses, personagem literário que representa um guia no percurso da aprendizagem de Lóri. Assim, por meio da análise do romance, defendemos a teoria de que o convívio social e a ajuda de outras pessoas são fundamentais, para que indivíduos que sofrem muito com suas vidas possam ter a possibilidade de aprender a valorizá-la e sentir, também, alegria e prazer.

Esta monografia está estruturada em cinco partes. Na primeira parte, escrevemos um pouco sobre a biografia da escritora do romance, Clarice Lispector, além disso, tentamos explicar possíveis motivos de ela ser considerada uma das escritoras mais importantes, fascinantes e misteriosas da Literatura Brasileira, por meio da apresentação de seu perfil, bem como de importantes características que definem a sua vida e a sua obra; na segunda parte, apresentamos brevemente o romance, a história das personagens e o principal conflito, o qual é a busca de Lóri para aprender a viver; na terceira parte, fazemos reflexões acerca do que é o sofrimento para Loreley, além disso há a explicação de como a técnica do fluxo da consciência é desenvolvida na obra; na quarta parte, refletimos sobre a essencial ajuda de Ulisses no percurso da aprendizagem de Loreley; e por fim, há a parte do aprendizado de Lóri, em que mostramos como ela foi capaz de conquistar, com a ajuda de Ulisses, o objetivo da sua aprendizagem: ser feliz e sentir prazer em existir.

Acreditamos que a análise do romance *“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”* é pertinente porque ele é, de certa forma, singular dentro da obra clariciana. Entre todos os romances escritos por Clarice, há, na obra analisada, um elemento novo: a importância dos diálogos em detrimento do monólogo interior. É importante deixar claro que o monólogo interior ocorre, sim, no livro, com a introspecção e a representação profunda da consciência de Lóri, mas é por intermédio do diálogo entre ela e Ulisses, que ela conhece novas formas de viver e de experienciar a vida, que ela aprende a viver. Para Benedito Nunes (1989, p. 79), nos romances anteriores de Clarice, o monólogo interior era abundante, constituía a maior parte das obras e os diálogos eram pouquíssimos, como em *“Perto do coração selvagem”*, *“A paixão segundo G.H.”* e *“Água Viva”*. Sendo assim, o fato de a obra inaugurar, no conjunto de romances de Clarice Lispector, uma narrativa com foco nos diálogos, para que haja a transformação da vida da personagem Lóri, torna sua análise muito importante e pertinente.

Outro elemento novo e diferenciador do romance é o final feliz que ocorre para as personagens Loreley e Ulisses. Nos outros romances de Clarice, os finais das personagens nem sempre são felizes, e alguns são, inclusive, muito trágicos, como é o caso do final da personagem Macabéa, da obra *“A hora da estrela”*, publicada em 1977, que morre de forma muito trágica ao ser atropelada por um carro de luxo, quando finalmente estava tendo esperança de ter uma vida melhor e mais feliz. Já no romance *“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”*, há o final feliz de Lóri, o que demonstra o otimismo que Clarice quis retratar em seu livro. Por fim, há na obra, uma importante mensagem: a ajuda humana é essencial para as pessoas conseguirem alcançar a melhor versão de si mesmas e conseguirem sentir prazer na vida, mesmo com todas as dificuldades que são inerentes a ela.

É pertinente dizer que consideramos *“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”* uma obra que possui inegável qualidade literária, uma obra inovadora em forma e conteúdo e um dos livros mais emocionantes e profundos que Clarice Lispector já escreveu. Apesar disso, Clarice não tinha a mesma opinião em relação à obra. Ela deixou claro que não gostava tanto do livro ao afirmar, em uma entrevista que concedeu ao Museu da Imagem e do Som (MIS), que não gostava tanto da obra e que a considerava falhada (GOTLIB, 1995). Entretanto, é importante dizer que ela também tinha consciência de que muitas pessoas amaram profundamente o livro e tiveram suas vidas transformadas por ele. Acerca do livro, Clarice disse: “É um livro...é uma história de amor. E duas pessoas já me disseram que aprenderam a amar através desse livro. Pois é” (LISPECTOR, 1995 apud GOTLIB, 1995, p. 387). Sendo assim, é muito pertinente analisar esta obra, pontuando os elementos que a compõem, para defender a tese de que ela é uma das mais profundas, belas e importantes já escritas por Clarice e pode contribuir de forma significativa para os leitores. Com a leitura do livro, muitos leitores podem compreender que é possível, sim, sair de um estado de profundo sofrimento e alcançar um estado de felicidade e de completude na vida. Por tudo isso, temos uma opinião diferente da de Clarice em relação ao livro e tentamos comprovar a qualidade literária da obra, com esta análise.

Em virtude do que foi mencionado, justifica-se a análise da obra porque ela aborda uma das conquistas mais importantes na vida de um ser humano: o amor próprio. É essencial que as pessoas consigam amar a si mesmas antes de amar qualquer pessoa e qualquer coisa neste mundo. É incontestável que a autoestima e a valorização pessoal podem transformar positivamente a vida de uma pessoa. Quando Lóri aprende, depois de uma longa e complexa trajetória, a amar a si própria e a valorizar a sua existência, ela pode, enfim, amar as outras pessoas e se doar para o mundo. Ela percebe que a sua felicidade também está relacionada ao quanto de si ela pode entregar aos outros e diz que o seu caminho são as outras pessoas, que isso é a essência de sua vida. Portanto, o romance nos mostra como o amor é transformador, como só por meio dele é possível alcançar uma melhor forma de experienciar e de valorizar a vida.

2. O mistério Clarice Lispector

“*Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*” foi escrito por uma das mais importantes, reconhecidas e amadas escritoras nacionais da Literatura Brasileira, Clarice Lispector. Tanto Clarice quanto sua obra causam um profundo fascínio em seus leitores e a escritora é considerada um enigma por muitas pessoas.

Clarice Lispector nasceu em dezembro de 1920, em Tchetchelnik, na Ucrânia, quando sua família emigrava para fugir da perseguição aos judeus, na Revolução Bolchevique, de 1917. Sua família chegou à Maceió em 1921, e na época, ela ainda era um bebê. Em 1924, a família de Clarice se mudou para Recife, onde ela passou nove anos de sua vida. Clarice iniciou os seus estudos em 1932, no grupo escolar João Barbalho, e foi lá onde ela descobriu a sua paixão pelas palavras, pela escrita e pela Literatura:

Quando eu aprendi a ler e a escrever, eu devorava os livros! Eu pensava que livro é como árvore, é como bicho: coisa que nasce! Não descobria o que era um autor! Lá pelas tantas, eu descobri que era um autor! Aí disse: ‘Eu também quero’. (LISPECTOR, 1995 apud GOTLIB, 1995, p. 39).

Nesta passagem, podemos observar que, desde cedo, Clarice sentiu-se atraída pelo universo encantado da Literatura, mesmo ainda sendo uma criança, ela já desejava pertencer ao mundo mágico em que as palavras se tornavam encantadas e eram capazes de contar infinitas e criativas histórias. E da mesma forma como ela desejou pertencer ao universo literário e se esforçou muito para isso, ela também sempre desejou pertencer ao Brasil. Mesmo tendo nascido na Ucrânia, Clarice se considerava uma verdadeira brasileira.

Apesar de escrever desde criança, Clarice não se formou em nenhum curso relacionado ao universo da escrita, e acabou iniciando o curso de Direito, na Universidade do Brasil, em 1939. Em 1943, ela se formou. Acerca disso, Clarice disse:

Quando eu era pequena, eu era muito reivindicadora de direitos. (...). Então, me diziam: ela vai ser advogada. Então isso ficou na cabeça. E como não tinha orientação de espécie nenhuma sobre o que estudar, eu fui estudar advocacia. (LISPECTOR, 1995 apud GOTLIB, 1995, p. 27).

Apesar de ter se formado no curso de Direito, Clarice nunca trabalhou na área, em vez disso, ela começou a trabalhar como jornalista, enquanto também escrevia os seus textos literários. Em 1940, ela publicou o seu primeiro conto intitulado “*O triunfo*”, na revista *Pan*. Clarice também trabalhou em uma revista chamada *A Noite*, e lá ela teve a oportunidade de conhecer muitos escritores e pessoas influentes no meio literário.

Em 1943, ela se casou com o diplomata chamado Maury Gurgel Valente, e teve dois filhos homens com ele. No final do mesmo ano, isto é, em 1943, ela publicou o seu primeiro romance intitulado “*Perto do Coração Selvagem*”, pela editora *A Noite*, a do mesmo jornal onde trabalhava como jornalista.

A obra *“Perto do coração selvagem”* foi recebida com bastante espanto e admiração pelos leitores e pela crítica e foi aclamada com o prêmio Graça Aranha, como o melhor romance de 1943. *“Perto do coração selvagem”* foi um romance extremamente inovador na literatura nacional, pois o livro inaugurou a literatura intimista no Brasil, cuja introspecção interior da protagonista da obra, Joana, era o plano principal do romance, em vez da ação e dos acontecimentos. Por causa da introspecção, do intimismo das personagens e do fluxo de consciência, Clarice foi considerada uma escritora semelhante aos modernos Virginia Woolf e James Joyce.

Portanto, percebemos que o livro, de certa forma, fez uma espécie de revolução na literatura brasileira. É importante salientar que um dos críticos literários brasileiros mais renomados, Antônio Cândido, assim que leu o primeiro romance de Clarice, escreveu uma importante crítica sobre as impressões que teve ao ler a obra e sobre o que achava da estreia de Clarice no meio literário:

Com efeito, este romance é uma tentativa impressionante para levar a nossa língua canhesta a domínios pouco explorados, forçando-a a adaptar-se a um pensamento cheio de mistério, para o qual sentimos que a ficção não é um exercício ou uma aventura afetiva, mas um instrumento real do espírito, capaz de nos fazer penetrar em alguns labirintos mais retorcidos da mente. (CÂNDIDO, 1997, p.2)

A intensidade com que sabe escrever e a rara capacidade da vida interior poderão fazer desta jovem escritora um dos valores mais sólidos e, sobretudo, mais originais da nossa literatura, porque esta primeira experiência já é uma nobre realização. (CÂNDIDO, 1997, p. 6)

A partir da publicação do primeiro livro, do reconhecimento da crítica e dos leitores, Clarice começava a se tornar um mistério. Após publicar seu romance, ela se mudou do Brasil e passou mais de quinze anos vivendo fora do país, em várias cidades da Europa, devido ao trabalho de diplomata de seu marido. O fato de Clarice ter se mudado e passado tanto tempo fora do país, logo após publicar o seu livro, só aumentou a curiosidade das pessoas por ela e o mistério em torno dela, e, assim, o mistério foi se tornando cada vez mais maior.

Desde sempre, Clarice foi considerada um enigma, um mistério. Benjamim Moser afirmou que a estreia de Clarice na literatura foi também o início da lenda Clarice Lispector, e surgiram rumores, mistérios e mentiras acerca dela (MOSER, 2011). Segundo Moser, acerca do mistério Clarice Lispector, um repórter de uma revista escreveu isso:

Há uma grande curiosidade em torno de Clarice-gente. Ela circula muito pouco na área literária, foge aos programas de televisão e às tardes de autógrafa e são pouquíssimas as pessoas que tiveram a oportunidade de conversar com ela. “Clarice não existe” – dizem. “É pseudônimo de alguém que mora na Europa”. “É uma mulher linda” – afirmam outros. “Não conheço não” – diz um terceiro. “Mas acho que é homem. Ouvi falar que era um diplomata. (MOSER, 2011 apud MOSER, 2011, p. 226 a 227).

Após a separação de seu marido, Clarice retornou ao Brasil e continuou escrevendo e publicando várias obras, as quais seriam consideradas obras-primas da literatura nacional, como “*A paixão segundo G.H.*”, “*A hora da estrela*”, “*Água viva*”, “*Felicidade Clandestina*”, “*Laços de Família*” e outros livros. Clarice foi reconhecida ainda viva como uma das mais importantes escritoras nacionais. Aos 56 anos, a vida de Clarice chegou ao fim, em dezembro de 1977, no Rio de Janeiro, quando ela morreu em decorrência de um câncer.

É incontestável, que, desde seu surgimento no meio literário, Clarice Lispector tornou-se um mistério, um enigma. E esse mistério continua até hoje, anos após a sua morte. Clarice é reconhecida como uma das melhores e mais importantes escritoras da Literatura Brasileira. Clarice é uma das autoras mais citadas nas redes sociais, como o “*Instagram*”, com frases que nem sempre pertencem a ela; Clarice é uma das escritoras nacionais mais estudadas nas universidades e existem inúmeros trabalhos acadêmicos acerca de sua obra; Clarice teve sua obra traduzida para várias línguas estrangeiras, como o inglês e o francês; e, por fim, Clarice é uma das escritoras mais lidas e mais amadas no Brasil. Portanto, o mistério Clarice existe até hoje e o fascínio, a admiração e a paixão tanto pela escritora quanto por sua obra permanecem.

3. Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres: considerações sobre o romance

“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres” foi publicado em 1969, pela editora Sabiá. Algo fascinante é saber que o livro foi escrito em apenas nove dias, quando Clarice Lispector estava hospedada em um hotel (GOTLIB, 1995, p. 387). Acerca da obra, Clarice afirmou que *“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”* despertou fascínio e admiração em muitos leitores, quando disse: “É um livro... é uma história de amor. E duas pessoas já me disseram que aprenderam a amar através desse livro. Pois é”. (LISPECTOR, 1995 apud GOTLIB, 1995, p. 387).

O livro não é estruturado de forma clássica, por meio de capítulos enumerados. Ele começa com imagens que tanto podem ser títulos quanto narrativas de um brevíssimo capítulo, como: “A origem da primavera ou a morte necessária em pleno dia”. E existem capítulos que são formados por uma única palavra, como: “Luminescência”.

Percebemos que as estratégias narrativas utilizadas por Clarice, na obra, representam uma duplicidade de sentidos do encontro com o “outro”, isto é, do encontro de Loreley com Ulisses (GOTLIB, 1995). Ainda sobre estratégia narrativa, há capítulos brevíssimos, mas profundamente emocionantes, os quais parecem pequenos poemas. Em um desses breves capítulos, percebemos a forte poeticidade da narrativa:

Como se uma manada de gazelas transparentes se transladassem no ar do mundo ao crepúsculo – foi isso o que Lóri conseguiu várias semanas depois. A vitória translúcida foi tão leve e promissora como o prazer pré-sexual. Ela se tornara mais habilidosa: como se aos poucos estivesse se habituando à terra, à Lua, ao Sol, e estranhamente a Marte sobretudo. Estava numa plataforma terrestre de onde por átimos de segundos parecia ver a super-realidade do que é verdadeiramente real. Mais real – disse-lhe Ulisses quando ela a seu jeito contou-lhe o quase não acontecimento – mais real que a realidade. No dia seguinte tentou pacientemente de novo o crepúsculo. Estava à espera. Com os sentidos aguçados pelo mundo que a cercava como se entrasse nas terras desconhecidas de Vênus. Nada aconteceu. (LISPECTOR, 2016, p. 24).

Este trecho é um exemplo de uma brevíssima narrativa que constitui todo um capítulo. Nele identificamos a característica da estruturação da obra, isto é, como uma brevíssima passagem constitui todo um capítulo. Aqui, identificamos que a introspeção e o lirismo estão presentes no âmago da personagem Loreley, que experiencia tudo muito intensamente e que é capaz de sentir, inclusive, sentimentos mais reais do que a própria realidade.

Ainda acerca da estruturação do romance, é importante dizer que ele se inicia com uma vírgula (,) e termina com dois pontos (:), isso simboliza o caráter inacabado da obra, pois é como se entrássemos no mundo de Lóri quando ela já está iniciada em seu processo de aprendizagem e, mesmo quando terminamos de ler o romance, o processo de aprendizagem continuasse para a personagem. Além disso, a vírgula utilizada como estratégia narrativa significa uma pausa e os dois pontos significam uma continuação, sendo assim, a

narrativa da obra não apresenta começo nem fim, mas expande-se para fora do texto, confundindo-se com própria vida (AMARAL, 2017).

No que diz respeito à história do romance, ele narra a trajetória de Loreley, uma professora de crianças do ensino primário que decidiu se mudar de onde morava, em Campos, São Paulo, para morar sozinha em Ipanema, no Rio de Janeiro, em busca de uma liberdade que ela só poderia ter se vivesse em um lugar totalmente novo e afastado de sua família. No Rio, Loreley começa a construir a sua vida, começa a trabalhar e conhece o professor de filosofia Ulisses, que transformará a sua realidade.

Antes de se mudar para o Rio, Lóri morava com o pai e com quatro irmãos homens. Por meio da própria Loreley, ficamos sabendo que o pai dela já foi um homem bastante rico no passado e, devido a isso, ela teve a oportunidade de viajar bastante e de conhecer várias culturas, como a europeia. Lóri diz para Ulisses, inclusive, que morou durante um tempo em Paris, na França. Entretanto, ficamos sabendo que o dinheiro do seu pai diminuiu bastante e, para Loreley, acabara a oportunidade de viajar sem parar para a Europa.

A protagonista do romance vive sozinha em seu apartamento e quase não tem contato com pessoas. O único contato humano que ela tem é com as crianças da escola onde trabalha, com os funcionários da escola, com a empregada doméstica, a qual cuida do apartamento dela e com uma cartomante. Notamos, assim, que Lóri é uma pessoa extremamente solitária e que tem muita dificuldade de fazer e de manter relações pessoais. Para ela, é muito difícil viver e se relacionar com outras pessoas, é muito difícil aceitar a sua condição humana, e durante todo o romance, ela sente uma profunda dor existencial, pois acredita que não sabe como viver no mundo, como as outras pessoas vivem.

É no Rio de Janeiro que Loreley conhece Ulisses, professor universitário de Filosofia e a partir deste momento, a sua vida passará por uma importante transformação. Juntamente com a ajuda de outro ser humano, Ulisses, Lóri inicia um processo de aprendizagem. Para Lóri, a aprendizagem é necessária e será a maneira de ela conseguir viver sem sentir dor, de conseguir aproveitar a sua existência no mundo e de ser verdadeiramente feliz. Loreley deseja tornar-se plenamente humana, já que “A mais permanente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano” (LISPECTOR, 2016, p. 32).

Lóri explica o motivo de ela ter se mudado para o Rio de Janeiro em uma conversa com Ulisses: “E que eu não queria... não queria me casar, queria certo tipo de liberdade que lá não seria possível sem escândalo, a começar pela minha família, lá tudo se sabe” (LISPECTOR, 2016, p.45). Notamos que Loreley se muda para o Rio para tentar, de fato, viver a sua vida de uma maneira nova, transformar-se, buscar a liberdade de ser plenamente quem ela gostaria de ser, o que, para ela, seria completamente impossível acontecer na sua cidade natal. É exatamente isso o que acompanhamos no romance, seu desenvolvimento, sua aprendizagem e sua busca para conseguir ser a melhor versão de si mesma.

Por fim, assim como Clarice Lispector afirmou que duas pessoas aprenderam a amar lendo *“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”*, Lóri também aprende a amar: a si mesma e a sua existência. E esse aprendizado dos sentidos se dá por meio de sua relação com o sábio Ulisses. Com a aprendizagem, Loreley consegue, enfim, aprender a viver como humana, aprender a viver sem sentir dor, aprender a amar e aprender, inclusive, a sentir felicidade plena. Desta forma, *“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”*:

Simultaneamente, superpõe-se uma outra camada de sentido, mais solene, que transfigura essa simples experiência em sagrado rito de iniciação, no sentido maior de amar, expressar-se, comunicar-se com, inventar o outro e a si mesmo. Se examinado no seu conjunto, o romance narra a história da aprendizagem dos sentidos: sentir o outro, que é o amado/amada, o homem/a mulher, Ulisses/Lóri, o Mundo. (GOTLIB, 1995, p. 389)

4. A dor de Lóri

De acordo com o dicionário, dor significa uma sensação mais ou menos aguda que incomoda, uma sensação emocional ou psicológica que causa sofrimento e o contrário de dor é prazer e bem-estar. Dor é o principal sentimento de Loreley na maior parte do romance *“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”* e ela precisa percorrer uma longa e difícil trajetória para conseguir transformar este sentimento de dor em sentimento de prazer.

Benedito Nunes define as principais características da personagem Lóri, o que pode, de certa forma, justificar o porquê de ela ter tanta dificuldade de sentir prazer em sua vida. De acordo com Benedito Nunes, o que define a personalidade de Loreley é: uma introspecção abismal, uma sensibilidade para o nada e uma envolvimento pelo silêncio (NUNES, 1989, p. 45). Assim, percebemos que Lóri é uma mulher introspectiva, cuja sensibilidade em relação a si e ao mundo é intensa. Desta forma, é como se, por causa de sua sensibilidade aguçada, a dificuldade da vida fosse quase insuportável para ela e a possibilidade de sofrer fosse acentuada.

Loreley vive sozinha em seu apartamento, no Rio de Janeiro, e quase não tem contato humano. Ela afirma que não tem amigos, que já teve quando estudava, mas que, depois disso, preferia ficar sozinha. É perceptível a dificuldade que ela tem em fazer amizades, de conhecer novas pessoas e de socializar. Para ela, manter contato pessoal e íntimo com outro ser humano, não havendo um propósito definido, por exemplo, o trabalho, é impensável e quase impossível. Entretanto, isso tudo causa muito sofrimento nela e ela sente uma profunda dor de existir, porque percebe que vive de uma forma diferente das outras pessoas, o que causa sofrimento e muita dor existencial nela.

A dor de Loreley é tão profunda que ela pensa, algumas vezes, em sua própria morte. É como se viver fosse tão difícil que ela não conseguisse achar outra solução para a sua vida que não fosse a finitude de sua existência:

Então o que chamava de morte a atraía tanto que só poderia chamar de valeroso o modo como, por solidariedade e pena dos outros, ainda estava presa ao que chamava de vida. Seria profundamente amoral não esperar pela morte como os outros todos esperam por esta hora final. Teria sido esperteza dela avançar no tempo, e imperdoável ser mais sabida que os outros. Por isso, apesar da curiosidade intensa que tinha pela morte, Lóri esperava. (LISPECTOR, 2016, p. 33)

Nesta passagem, fica clara a atração de Loreley pela morte, entretanto, apesar da profunda atração que sente, ela resiste e não se mata. Um sentimento maior do que o de morte a mantém viva, como uma espécie de força interna invisível. Podemos dizer que esta força que a mantém viva é a vontade de conseguir viver sem sentir dor e de conseguir ser feliz. No fundo, Lóri é uma personagem que tem esperança de que a sua vida pode se tornar mais prazerosa.

Em um momento de muita dor e sofrimento, Loreley sente a necessidade de confessar tudo o que sente e, para isso, ela faz um emocionante pedido a Deus, com a esperança de que ele a conforte e a faça se sentir menos triste.

[...] gaguejara uma prece para o Deus e para si mesma: alivia minha alma, faz com que eu sinta que Tua mão está dada à minha, faz com que eu sinta que a morte não existe porque na verdade já estamos na eternidade, faz com que eu sinta que amar é não morrer, que a entrega de si mesmo não significa a morte e sim a vida, faz com que eu sinta uma alegria modesta e diária, faz com que eu não Te indague demais, porque a resposta seria tão misteriosa quanto a pergunta, faz com que eu receba o mundo sem medo, pois para esse mundo incompreensível nós fomos criados e nós mesmos também incompreensíveis, então é que há uma conexão entre esse mistério do mundo e o nosso, mas essa conexão não é clara para nós enquanto quisemos entendê-la, abençoa-me para que eu viva com alegria o pão que como, o sono que durmo, faz com que eu tenha caridade e paciência comigo mesma, amém. (LISPECTOR, 2016, p. 104)

Esta passagem nos mostra com Lóri, em alguns momentos, sofria profundamente, mas que, mesmo passando por um intenso processo de dor, ela buscava força para resistir e continuar vivendo, e essa força poderia vir de várias formas, fazendo uma prece para Deus, por exemplo.

No início, *“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”* apresenta um intenso fluxo de consciência da personagem Loreley, o qual vai perdendo espaço quando são iniciados os diálogos entre ela e Ulisses, que constituem a maior parte da obra. Os diálogos são muito importantes porque é por meio deles que ocorrem os ensinamentos de Ulisses para Lóri e ela vai aprendendo a viver.

O fluxo de consciência é uma técnica muito utilizada por Clarice em muitas obras, sendo uma característica marcante de sua escrita. Em *“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”*, apesar de o monólogo interior não constituir a maior parte do romance, por causa dos abundantes diálogos, ele está presente na obra.

O fluxo de consciência é uma específica técnica de escrita. O autor Alfredo Carvalho, em sua obra *“Foco narrativo e fluxo da consciência”*, que é referência no assunto, diz que há uma forte relação do foco narrativo, que é o ponto de vista pelo qual uma determinada história é contada, com a técnica do fluxo da consciência. Para ele, o fluxo de consciência é, na verdade, uma especialização de um determinado foco narrativo. Carvalho define o fluxo da consciência da seguinte forma: “[...] A apresentação idealmente exata, não analisada, do que se passa na consciência de um ou mais personagens” (CARVALHO, 2012).

A técnica do fluxo da consciência é uma das características essenciais da obra clariciana e, no romance analisado, ela também é empregada com a finalidade de representar a consciência mais profunda, os pensamentos, as reflexões de Loreley acerca de si mesma e do mundo. Como dito anteriormente, é no início que o fluxo de consciência é mais intenso no romance e, depois, os diálogos surgem e se tornam abundantes na obra. Por intermédio do fluxo de

consciência, Loreley reflete sobre a sua vida, sobre os seus sentimentos e sobre os seus desejos de sentir prazer.

O fluxo de consciência pode ser observado em vários trechos do romance. Nesta passagem, no início da obra, Lóri está passando por um intenso sofrimento, quando ela afirma que fazia de conta que estivesse vivendo e que não estivesse morrendo. Assim, podemos perceber, por meio das palavras, a representação da profunda consciência e dos pensamentos de Lóri, por intermédio de uma belíssima prosa poética:

[...] faz de conta que fiava com fios de ouro as sensações, faz de conta que a infância era hoje e prateada de brinquedos, faz de conta que uma veia não se abria e faz de conta que dela não estava em silêncio alvíssimo escorrendo sangue escarlata e que ela não estivesse pálida de morte mas isso fazia de conta que estava mesmo de verdade, precisava no meio do faz de conta falar a verdade de pedra opaca para que contrastasse com o faz de conta verde-cintilante, faz de conta que amava e era amada [...] faz de conta que vivia e não que estivesse morrendo pois viver afinal não passava de se aproximar cada vez mais da morte [...] (LISPECTOR, 2016, p. 10).

Dado o exposto, percebemos que Lóri não consegue fazer e manter relação humana com outras pessoas, ela tem dificuldade de aproveitar a vida e de perceber o valor de si mesma e o valor que ela representa para a sociedade na qual está inserida e, por fim, ela não consegue sentir felicidade e prazer. Por tudo isso, ela é uma personagem que sofre muito. Entretanto, a situação se modifica quando ela conhece Ulisses e se dispõe a aprender uma nova forma de viver. É assim que Lóri inicia o seu transformador percurso na aprendizagem dos prazeres, e, a partir dele, ela não voltará a ser a mesma pessoa jamais.

5. A relação do “eu” com o “outro” no processo de aprendizagem

Uma das mensagens mais importantes da obra *“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”* é que é possível o ser humano aprender a viver de uma melhor forma: mais prazerosa, mais feliz e mais consciente da sua importância na sociedade. Além disso, há também a mensagem de que nunca um indivíduo conseguirá ser feliz em todos os momentos da sua vida, porque a tristeza, a frustração, o medo, a ansiedade, a raiva, a dor de existir e todos os sentimentos ruins fazem parte da vida humana. Sem as dificuldades, não saberíamos valorizar os bons momentos da vida e, muitas vezes, os aprendizados vêm por meio das dificuldades, pois eles nos ajudam a superá-las e a nos tornar pessoas melhores.

Lóri passa por um aprendizado acerca do sentido e do significado da vida, aprendendo a valorizá-la, com seus momentos de felicidade e de tristeza. Este aprendizado, que é gradual, somente ocorre em sua vida quando ela começa a conviver com Ulisses. O percurso na aprendizagem dos prazeres e dos sentidos é primordial para Lóri, porque, para ela: “Meu mistério é simples: eu não sei como estar viva” (LISPECTOR, 2016, p. 81). Desta forma Loreley busca uma forma de aprender a estar vida, de aprender a valorizar a sua existência.

Consoante Emília Amaral, o tema deste livro é a aprendizagem de se conseguir viver e de se conseguir usufruir esta condição por meio de uma relação amorosa. E o mediador do processo de autoconhecimento/conhecimento do outro é uma figura muito adorada por Clarice Lispector: o professor. (AMARAL, 2017):

O jogo amoroso do casal desenha um processo de amadurecimento do homem e da mulher, para que possam encontrar-se numa relação de transparência e simetria. Os limites e possibilidades dessa união revelam, novamente, como o eu se constitui a partir de um outro – e como nele perde e constrói sua identidade. (ROSENBAUM, 2002, p. 49)

Loreley conhece Ulisses, professor de filosofia do ensino superior, em uma noite, quando ela estava esperando carona. Apesar de sua dificuldade de manter relações com outras pessoas, quando Lóri conhece Ulisses, ela enfrenta este obstáculo e abre a sua mente para as novas possibilidades da vida:

Fora então que Ulisses aparecera casualmente na sua vida. Ele, que se interessara por Lóri apenas pelo desejo, parecia agora ver como ela era inalcançável. E mais: não só inalcançável por ele mas por ela própria e pelo mundo. Ela vivia de um estreitamento no peito: a vida (LISPECTOR, 2016, p. 37)

É importante deixar claro que, ao começar a se relacionar com Ulisses, Lóri, de certa forma, já começa a se esforçar para sair de seu estado de sofrimento, porque antes disso ela não havia tido nenhum relacionamento sólido como o que tem com Ulisses. Ademais, ela não esconde as suas dificuldades e os seus defeitos de Ulisses, pois eles mantêm uma relação transparente e verdadeira, e ela se sente segura para ser quem ela realmente é, sem precisar

usar uma máscara de fingimento. Assim, o que ambos buscam juntos na relação que mantém é a felicidade e a plenitude existencial.

De acordo com Benedito Nunes, a construção do relacionamento de Lóri e Ulisses ocorre por meio de um pacto que eles fazem, já que: “Ulisses só possuirá Lóri, que já teve cinco amantes eventuais, quando esta puder entregar-se a ele de corpo e alma, numa união amorosa completa e sem reserva.” (NUNES, 1989, p. 79). Assim, o relacionamento deles é consciente e responsável, pois eles desejam muito mais do que apenas sexo, eles desejam completude: entrega de corpo e alma, e esta só ocorrerá quando a aprendizagem de Lóri estiver completa.

Em muitos momentos, Loreley se questiona se deve continuar ou não vendo Ulisses, porque ela se sente insegura em relação ao relacionamento deles. A relação de Lóri e Ulisses é feita apenas de encontros casuais e de conversas, não havendo contato físico, por isso ela sente medo de que Ulisses não tenha paciência o suficiente para esperá-la passar por sua aprendizagem e a abandone.

Lóri apresenta alguns comportamentos de insegurança, de falta de confiança e de baixa autoestima. Ela só consegue se sentir confiante e ter uma autoestima elevada quando aprende a se amar, a amar a sua vida, quando compreende que sua existência é valiosa e que ela é importante. É relevante dizer que Ulisses a ajuda neste processo, porque, sempre que ela se sente insegura e com medo de ser abandonada por Ulisses, ele a acalma e a faz se sentir melhor, mais tranquila e mais segura:

Esperarei nem que sejam anos que você também tenha corpo-alma para amar. Nós ainda somos moços, podemos perder algum tempo sem perder a vida inteira. Mas olhe para todos ao seu redor e veja o que temos feito de nós e a isso considerado vitória nossa de cada dia. Nós temos amado, acima de todas as coisas. (LISPECTOR, 2016, p. 43)

O relacionamento de Loreley e Ulisses é permeado por uma espécie de jogo amoroso, já que eles decidem que não haverá contato físico entre eles, até que Lóri passe por sua aprendizagem e esteja pronta para viver plenamente. O contato sexual de homem e mulher só acontecerá quando ela estiver preparada.

Para Benedito Nunes, a ação do romance corresponde à trajetória que Loreley percorre da solidão à comunhão, do auto isolamento ao abandono à pessoa que a fará se identificar consigo mesma, põe face a face duas consciências que se reconhecem, inicialmente de maneira reservada, para depois se comunicarem por meio do silêncio e da palavra, da carne e do verbo (NUNES, 1989, p. 79).

Lóri sabe que Ulisses a ajudará a fazer o seu percurso na aprendizagem, mas ele a ajudará não como um professor de Filosofia, e sim como um parceiro, orientando-a acerca da vastidão de significados e de possibilidades da vida. Ulisses é, para Lóri, um guia, já que apenas ela mesma tem o poder de transformar o que sente em relação a si e ao mundo:

Mas era como se ele quisesse que ela aprendesse a andar com as próprias pernas e só então, preparada para a liberdade por Ulisses, ela fosse dele – o que é que ele queria dela, além de tranquilamente desejá-la? No começo Lóri engana-se e pensava que Ulisses queria lhe transmitir algumas coisas das aulas de filosofia mas ele disse: “não é de filosofia que você está precisando, se fosse seria fácil: você assistiria às minhas aulas como ouvinte e eu conversaria com você em outros termos. (LISPECTOR, 2016, p. 12)

Há um momento que Loreley sofre intensamente, então decide cancelar um encontro que havia marcado com Ulisses. Diante disso, ele tenta acalmá-la, para que ela se sinta melhor e não sofra tanto, dizendo: “Lóri, uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente. ” (LISPECTOR, 2016, p. 21). Desta forma, a lição que Ulisses tenta passar para ela é que sempre haverá momentos de sofrimento na vida, mas que não é por causa disso que ela deve desistir de lutar e de viver e que, muitas vezes, são as próprias dificuldades, os “apesares de” que dão forças para que se continue vivendo e lutando.

Ulisses tem consciência de que o sofrimento também faz parte da vida, assim como a alegria, entretanto, mesmo com os “apesares de”, que são as dificuldades, ele diz a Lóri que ela não deve desistir de viver. Este é um exemplo de como, por intermédio do diálogo, Ulisses ajuda Loreley a se sentir melhor. As falas de Ulisses funcionam como um guia no processo de aprendizagem de Lóri. Para Benedito Nunes, os diálogos presentes no romance aproximam as duas consciências, a de Lóri e a de Ulisses (NUNES, 1989). E é por meio dos diálogos que Lóri vai fazendo o seu trajeto de no percurso da aprendizagem, de maneira gradual, sempre com a ajuda de Ulisses. Entretanto, apesar de toda a ajuda que ela recebe de Ulisses, Lóri sabe que apenas ela mesma poderá reaprender a viver:

De Ulisses aprendera a ter fé – muita coragem, fé em quê? Na própria fé, que a fé pode ser um grande susto, pode significar cair no abismo, Lóri tinha medo de cair no abismo e segurava-se numa das mãos de Ulisses enquanto a outra mão de Ulisses empurrava-a para o abismo – em breve ela teria que soltar a mão menos forte do que a que a empurrava, e cair, a vida não é de se brincar porque em pleno dia se morre (LISPECTOR, 2016, p. 29)

De acordo com Gotlib, acerca da relação de Lóri com Ulisses, “a descoberta de um “eu” através da imagem de um “outro” está também referenciada pelos próprios nomes, que trazem, em si, a carga do sentido mítico da Ilíada e da Odisseia, de Homero: Ulisses, o que viaja, enquanto Penélope borda, esperando por ele; Lóri, a sereia. Mas no romance de Clarice há inversão de papéis. É Lóri que passa pelo processo da aprendizagem, guiada, orientada e analisada por Ulisses, o homem, o que sabe – e que traduz, como tantas outras palavras, o nome de Lóri, que vem de Loreley, segundo a lenda germânica. Sendo assim, ela viaja, enquanto Ulisses espera que ela esteja pronta para o amor. Mas Lóri é também a que, como Penélope, espera pela presença de Ulisses, enquanto Ulisses também se ausenta e, como uma sereia, o atrai e

seduz. Ele também espera, pacientemente, por ela, até que ela esteja pronta para o amor. ” (GOTLIB, 1995, p. 388). Ulisses e Loreley estão unidos, desta forma, pelos seus nomes e pela importância que cada um sente em relação ao outro. Lóri enfrenta a dificuldade que tem de se relacionar com pessoas para se relacionar com Ulisses, porque ela o ama, e Ulisses aceita ajudá-la e esperá-la a passar pelo aprendizado, por quanto tempo for necessário, porque, também, ele a ama.

Em um diálogo de Lóri com Ulisses, ele pergunta: “- Mas nas suas viagens é impossível que você nunca tenha estado entre laranjeiras, sol, e flores com abelhas. Não só o frio escuro mas também o resto? ” E Lóri responde: “-Não, disse sombria. Essas coisas não são para mim. Sou mulher de cidade grande” Ulisses, então, diz que essas coisas são para todo mundo, mas que Lóri ainda não aprendeu a tê-las e a apreciá-las. Ela responde: “E isso se aprende? Laranjeiras, sol, abelhas nas flores? ” Por fim, Ulisses diz: “Lóri, Lóri, ouça: pode-se aprender tudo, inclusive a amar! E o mais estranho, Lóri, pode-se aprender a ter alegria! ” (LISPECTOR, 2016, p. 46).

Neste diálogo, fica claro que Ulisses tenta ensinar a Lóri que ela pode e deve aprender a valorizar a vida e, inclusive, a natureza que a compõe, como o calor do sol e as flores. Ele sabe que a aprendizagem de Lóri não será um processo fácil, mas também tem consciência de que, no final, todo o esforço dela valerá a pena, por isso, sempre a encoraja a continuar lutando, já que para ele, é possível aprender tudo, inclusive a amar e a ter alegria.

À medida que o tempo passa, Loreley vai aprendendo a sentir prazer em viver. Esse processo de aprendizagem não acontece de uma maneira abrupta, e sim gradual, com retrocessos e, também, avanços. Em um momento de desespero, Lóri diz: “Ah! Gritou-se muda de repente, que o Deus me ajude a conseguir o impossível, só o impossível me importa! ” (LISPECTOR, 2016, p. 22). O impossível, para ela, é conseguir viver sem sentir dor, conseguir fazer e manter relações humanas, conseguir aproveitar plena e profundamente a vida. Fazer todas estas coisas é tão difícil para Lóri, que, em alguns momentos de recaída, ela considera mesmo impossível.

Entretanto, apesar de todo o sofrimento, Lóri compreende que ela, como todas as pessoas, é capaz de aprender a viver, a amar e a ser feliz. Neste sentido, seu relacionamento com Ulisses é muito importante, pois ele a ajuda a percorrer o caminho árduo, mas valoroso, da aprendizagem. É fato que o ser humano é um ser social e necessita de contato humano para desenvolver-se. Assim, se relacionar com Ulisses e ter a ajuda dele é muito importante para Lóri, já que ela vivia na completa solidão, antes de conhecê-lo. Com a ajuda de Ulisses, Lóri começa a se esforçar para aprender a viver e a ser verdadeiramente feliz e é assim que sua vida começa a se modificar:

Através de seus graves defeitos – que um dia ela talvez pudesse mencionar sem se vangloriar – é que chegara agora a poder amar. Até aquela glorificação: ela amava o Nada. A consciência de sua permanente queda humana a levava ao amor do Nada. E aquelas quedas – como as de Cristo que várias vezes caiu ao peso da cruz – e

aquelas quedas é que começavam a fazer a sua vida. Talvez fossem os seus “apesares de” que, Ulisses dissera, cheios de angústia e desentendimento de si própria, a estivessem levando a construir pouco a pouco uma vida. (LISPECTOR, 2016, p. 22)

Desta forma, Loreley, aos poucos, vai vivenciando a sua aprendizagem dos prazeres até conseguir, de fato, amar: amar a si mesma, amar as outras pessoas e amar a própria vida. Fazer isso não é uma tarefa fácil, pois ela mesma afirma que tem sido o maior obstáculo de sua própria vida, mas ela aprende que é possível, sim, ser plenamente feliz.

6. A aprendizagem de Lóri

É emocionante acompanhar a trajetória de Loreley e perceber que ela consegue alcançar o objetivo de sua aprendizagem: viver com prazer e conseguir suportar os momentos de sofrimento de sua vida. O processo que ela percorre para chegar ao seu objetivo não é fácil, já que é constituído de retrocessos e de avanços, por isso mesmo ela é vitoriosa por conseguir conquistá-lo.

No final da obra, Lóri consegue sentir prazer, consegue ser plenamente feliz e não pensa mais na morte como uma solução para fugir da dor e do sofrimento existencial. Ela deseja experienciar tudo o que a vida é capaz de lhe oferecer, sente muita vontade de desvendar os segredos do universo, do cosmos e de sua própria existência. Para Nádia Battela Gotlib, “Lóri aprende a assumir a responsabilidade dessa experiência de prazer estético: a ela caberia sofrer o dia todo ou ter prazer nele” (GOTLIB, 1995, p. 392).

Loreley conquista muitos desejos: o de sentir felicidade, o de viver sem sentir dor, o de conseguir se relacionar com outras pessoas, o de conseguir amar e se entregar a outro ser humano. Assim, todo este aprendizado é representado quando ela se entrega de corpo e alma para Ulisses, nas últimas páginas do romance.

É realmente emocionante a primeira vez em que ela consegue sentir felicidade plena. Quando isso acontece, isto é, quando ela se sente feliz, surge também uma sensação de susto e ela chega a desejar, inclusive, a não sentir mais felicidade, porque a alegria, mesmo sendo maravilhosa, a assusta profundamente, por ser uma experiência nova em sua vida:

Lóri estava suavemente espantada. Então isso era a felicidade. De início se sentiu vazia. Depois seus olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo me transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos. E o que é que eu faço? Que faço da felicidade? Que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta. Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade. (LISPECTOR, 2016, p. 63)

Mas logo o susto passa e ela começa a aproveitar esse novo sentimento em sua vida. Para ela, a alegria é tão intensa quanto o próprio sofrimento, por isso, ela se assusta. Logo, Loreley percebe quão vitoriosa é por conseguir ser plenamente feliz e deseja aproveitar isso da melhor forma possível, apreciando cada instante de alegria.

Há uma cena transformadora na vida de Lóri. Como uma decisão de extrema coragem, ela decide tomar um banho de mar, de madrugada, quando não há ninguém na praia. Esta pequena ação pode parecer simplória para muitas pessoas, mas significou tudo para ela: um ato de coragem e um avanço na sua aprendizagem dos prazeres. A partir do banho de mar, os momentos de prazer e de felicidades ocorrerão com maior intensidade em sua vida: “Lóri está sozinha. O mar salgado não é sozinho porque é salgado e grande, e isso é uma realização

da natureza. A coragem de Lóri é a de, não se conhecendo, no entanto, prosseguir, e agir sem se conhecer exige coragem. ” (LISPECTOR, 2016, p. 70)

No final do romance, percebemos que o aprendizado de Loreley está completo. Uma mudança importante é quando ela decide fazer contato humano com uma pessoa, o que antes era completamente impensável para ela. Lóri está em uma parada de ônibus e, perto dela, há uma mulher, então surge a coragem e ela conversa com a moça. O diálogo entre as duas é superficial, elas conversam sobre o vestido da moça e sobre costureiras. Entretanto, para Lóri, a conversa significa tudo: a coragem que ela teve de, mesmo com dificuldade, conversar e se relacionar com outra pessoa. Isso significa que ela aprendeu a, de fato, viver e isso representa um ato de extrema coragem dela. Novamente, é o diálogo, e não o monólogo interior, que faz a transformação da vida de Loreley. Portanto, isso representa o que Benedito Nunes afirmou sobre o romance, que o elemento realmente novo dele e que o diferencia dos outros romances de Clarice Lispector é a importância dos diálogos, em detrimento do monólogo interior. O diálogo é, portanto, essencial para que o desenvolvimento e a transformação aconteçam na vida de Loreley (NUNES 1989, p. 79).

A conversa de Lóri com a estranha na rua é uma espécie de epifania que ocorre em sua vida, pois um ato extremamente banal para pessoas comuns é sentido de uma maneira reveladora e transformadora para Loreley. Após o processo epifânico, Lóri passa a ter uma visão aprofundada de si mesma e da vida, passa a perceber a existência de outra maneira, sua vida é transformada e iluminada.

Após conversar com a estranha, Loreley percebe que não é este tipo de contato superficial que deseja ter com as pessoas, pois ela deseja ter relações profundas. Então, ela telefona imediatamente para Ulisses e lhe conta todos os sentimentos intensos pelos quais está passando e toda a aprendizagem que já aconteceu em sua vida. No fim da conversa, Ulisses percebe que Lóri já está transformada.

Com a transformação de sua vida, Lóri percebe o intenso amor que sente por Ulisses e deseja não controlar mais este sentimento, como estava fazendo até então, e, sim, entregar-se ao amor que sente por Ulisses. Conseguir amar e desejar viver este amor representa uma conquista na aprendizagem de Loreley:

O amor por Ulisses veio como uma onda que ela tivesse podido controlar até então. Mas de repente ela não queria mais controlar. E quando notou que aceitava em pleno o amor, sua alegria foi tão grande que o coração lhe batia por todo o corpo, parecia-lhe que mil corações batiam-lhe nas profundezas de sua pessoa. Um direito de ser tomou-a, como se ela tivesse acabado de chorar ao nascer. Como prolongar o nascimento pela vida inteira? Foi depressa ao espelho para saber quem era Loreley e para saber se podia ser amada. Mas assustou-se ao se ver. (LISPECTOR, 2016, p. 118)

Para Gotlib, o fato de Loreley sentir um intenso desejo de materializar o amor que sente por Ulisses representa a sua preparação para o prazer, para esse “amor novo”, para a “alegria mansa”, para “usufruir de um homem”, para

dar-se, sem perder nada. Ela, que procurava “um modo, uma forma”, tem agora a “grande liberdade de não ter modos nem formas”. (GOTLIB, 1995, p. 393). Lóri sente-se pronta para experienciar todos os prazeres da vida, inclusive da relação amorosa.

Quando Loreley passa por um estado de graça e experiencia sentimentos profundamente agradáveis, como alegria plena, ela faz uma importante reflexão acerca deste estado maravilhoso de graça. Ela compreende que o sentimento de profundo prazer não deve ser sentido a todo momento na vida, pois, assim, os seres humanos se esqueceriam da dor, a qual também faz parte da vida, valorizariam menos a felicidade e se tornariam, assim, menos humanizados:

Também era bom que (o estado de graça) não viesse tantas vezes quantas queria: porque ela poderia se habituar à felicidade. Sim, porque em estado de graça se era muito feliz. E habituar-se à felicidade, seria um perigo social. Ficaríamos mais egoístas, porque as pessoas felizes o eram, menos sensíveis à dor humana, não sentiríamos a necessidade de procurar ajudar os que precisavam – tudo por termos na graça a compreensão e o resumo da vida [...] E isto representaria uma fuga ao destino humano, que é feito de luta e sofrimento e perplexidade e alegrias. (LISPECTOR, 2016, p.123)

Nas últimas páginas da obra, quando Lóri já completou o seu percurso na aprendizagem, ela faz uma importante confissão a Ulisses:

- Ulisses você se lembra que uma vez me perguntou por que eu voluntariamente me afastara das pessoas? Agora posso falar. É que não quero ser platônica em relação a mim mesma. Sou profundamente derrotada pelo mundo em que vivo. Separei-me só por uns tempos por causa de minha derrota e por sentir que os outros também eram derrotados. Então fechei-me numa individuação que se eu não tomasse cuidado poderia se transformar em solidão histérica ou contemplativa. O que me salvou sempre foram os meus alunos, as crianças. Sabe, Ulisses, elas são pobres e a escola não exige uniforme por isso. No inverno comprei para todos um suéter vermelho. Agora, para a primavera, vou comprar para os meninos, calça e blusa azul, e para as meninas vestidos azuis. Ou vou mandar fazer, é mais fácil de encontrar. Tenho que tirar a medida de todos os alunos porque-. (LISPECTOR, 2016, p. 126)

Percebemos, nesta passagem, que Lóri já tem consciência de estar pronta para viver e, além disso, que ela é uma pessoa extremamente humana, pois disse a Ulisses que tinha o costume de ajudar seus alunos, crianças que eram muito pobres, comprando roupas quentes para que eles pudessem usá-las no frio, já que eles não teriam condições financeiras para isso. Agora, que Lóri já está pronta e tem consciência disso, ela pode ser quem ela quiser, ela pode ser verdadeiramente feliz.

Após ouvir Lóri, Ulisses percebe que ela já alcançou seu objetivo na aprendizagem dos prazeres e dos sentidos e que está pronta. A partir deste momento, há a preparação para o final do romance, quando ela e Ulisses se relacionam fisicamente, entregam-se plenamente um ao outro, de corpo e de alma, por meio do sexo.

Assim, em uma noite chuvosa, Lóri vivencia um turbilhão de sentimentos de prazer e um intenso estado de graça. Seus pensamentos de morte são substituídos por pensamentos de vida, ela passa a desejar intensamente viver:

A vida era tão forte que se amparava no próprio desamparo. De estar viva – sentiu ela – teria de agora em diante, que fazer o seu motivo e tema. [...] A fome de viver, meu Deus. Até que ponto ela ia na miséria da necessidade: trocaria uma eternidade de depois da morte pela eternidade enquanto estava viva. [...]. Talvez fosse por isso, porém exatamente isso: viva. E apesar de apenas viva era de uma alegria mansa, de cavalo que come na mão da gente. Lóri estava mansamente feliz (LISPECTOR, 2016, p. 131 a 132)

“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres” é um romance sobre o processo de aprendizagem de uma pessoa que deseja aprender a viver e a ser feliz e que consegue alcançar o seu objetivo. Além disso, o romance é sobre uma linda história de amor entre um homem e uma mulher: Loreley e Ulisses. No último capítulo da obra, ocorre a consolidação da aprendizagem de Loreley, quando ela e Ulisses fazem sexo e sem amam profundamente:

E através do grande amor de Ulisses, ela entendeu enfim a espécie de beleza que tinha. Era uma beleza que nada e ninguém poderia alcançar para tomar, de tão alta, grande, funda e escura que era. Como se a sua imagem se refletisse trêmula num açude de águas negras translúcidas. (LISPECTOR, 2016, p. 137)

Assim, o maravilhamento do amor ocorre na vida dos dois personagens de uma maneira intensa e romântica, por meio de uma linda prosa poética. Ulisses diz a Lóri que a ama e ela diz o mesmo para ele. Eles vivenciam uma noite mágica de prazer e de emoção, tão maravilhosa que não parece realidade para eles, e sim um sonho, mas eles sabem que não é um sonho, pois é a mais perfeita e inacreditável realidade. Logo, Ulisses diz a Lóri: “você enfim aprendeu a existir” (LISPECTOR, 2016 p. 141).

De acordo com Gotlib, a cena final de união é também a de uma mútua rendição: ele, de joelhos diante dela; ela, livre, sem submissão. E o que do diálogo se depreende é a inscrição nos moldes sociais vigentes: haverá casamento e terão filhos, isto é, irão construir um “outro ser”. Coerente com a dupla camada de sentido do romance, essa cena é, ao mesmo tempo sublime [...] e, simultaneamente, banalizada, pelas soluções que traz, dentro dos moldes mais convencionais de vida familiar burguesa. ” (GOTLIB, 1995, p. 393).

A originalidade e a importância de *“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”* está na narração de uma história de evolução progressiva da mulher que caminha, corajosamente, da dor ao prazer. Trata-se de uma história otimista em que se consegue atingir esse difícil estágio do dar-se, em alegria. [...] Lóri e Ulisses namoram e, quando se acham prontos, unem-se pelo casamento, planejando ter filhos e viver a felicidade [...]” (GOTLIB, 1995, p.394). O otimismo do final do romance representa, para todos os leitores, a possibilidade de felicidade a todas as pessoas, mesmo apesar das dificuldades inerentes à vida, e esse ensinamento é realmente muito importante e torna a obra singular entre as produções claricianas.

No fim do romance, Loreley consegue ser feliz e compreende o seu sentido no mundo, que é doar-se para as pessoas, poder ajudá-las de alguma forma. Quando Lóri aprende a se amar e a valorizar a sua existência, ela compreende que o seu verdadeiro caminho e a essência de sua vida são as outras pessoas: “Mas também sabia de uma coisa: quando estivesse mais pronta, passaria de si para os outros, o seu caminho era os outros. Quando pudesse sentir plenamente o outro estaria salva e pensaria: eis o meu ponto de chegada. ” (LISPECTOR, 2016, p. 50).

7. Considerações finais

“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”, publicado em 1969, por Clarice Lispector, não é sua obra mais famosa, mais lida ou mais adorada, seja pela crítica literária ou pelos leitores, e a própria Clarice Lispector disse que não gostava tanto assim do livro. Apesar disso tudo, acreditamos que essa obra é uma das mais importantes, mais emocionantes e mais belas já escritas na língua portuguesa.

Por meio da análise do romance, tentamos explicar as três etapas que Loreley vivencia no seu processo de aprendizagem dos prazeres: o momento em que os principais sentimentos que ela consegue sentir são sofrimento e tristeza; o momento em que ela conhece Ulisses e, com a ajuda dele, é iniciada a sua aprendizagem; e, por fim, o momento em que ela consegue ser plenamente feliz e descobre qual é a essência de sua vida: doar-se para as outras pessoas.

O romance passa uma importante mensagem de que só é possível, para o ser humano, atingir a novas formas de viver que sejam mais prazerosas e menos dolorosas, com a ajuda humana. Este livro narra o percurso de uma personagem, Lóri, que só sabia sofrer e que consegue, com a ajuda de outra pessoa, Ulisses, experimentar a vida de uma nova forma: mais feliz, alegre, prazerosa.

Além disso, o final das personagens Loreley e Ulisses é completamente otimista, eles se amam profundamente e ficam juntos, fazendo esperançosos planos para o futuro. Este desfecho feliz é muito raro nos romances claricianos e, por isso, o romance se torna tão importante, já que a felicidade é um dos sentimentos mais importantes da vida humana. Por fim, como a própria Clarice Lispector disse: duas pessoas aprenderam a amar por meio da leitura do romance, sendo assim, esperamos que *“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”* possa, cada vez mais, ajudar as pessoas a ressignificar as suas vidas e a buscar maneiras de ser feliz em meio às dificuldades, aos sofrimentos e aos desprazeres da vida.

9. Referências bibliográficas

AMARAL, Emília. Para amar Clarice: como descobrir e apreciar os aspectos mais inovadores de sua obra. 1º ed. São Paulo: Faro Editorial, 2017.

CÂNDIDO, Antônio. No raiar de Clarice. Em: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1997.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. Foco narrativo e fluxo da consciência: questões de teoria literária. 1º ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

GOTLIB, Nádía Battella. Clarice: uma vida que se conta. 2º ed. São Paulo: Editora Ática, 1995

LISPECTOR, Clarice. Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. 1º ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 2016.

MOSER, Benjamin. Clarice,. 2º ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NUNES, Benedito. O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Editora Ática, 1989.

ROSENBAUM, Yudith. Folha explica Clarice Lispector. São Paulo: Publifolha, 2002.